

A autocrítica petista

Crise de identidade, excesso de individualismo, rebeldia. Próximo de sua maioridade, o Partido dos Trabalhadores – que completa 18 anos em fevereiro – vive uma crise interna que vem derrubando a principal proposta dos petistas: o movimento de massas. O diagnóstico vem de alguns de seus principais integrantes, que acreditam na solução dos problemas a partir do Encontro Nacional do fim de semana, quando estarão reunidos no Rio delegados do Brasil inteiro.

“O PT está cheio de espinhas na cara. Ainda não encontrou o equilíbrio, um meio termo que concilie sua rebeldia socialista à nitidez de que há uma utopia possível”, diz o ex-vereador Chico Alencar. “É uma crise positiva, que nos faz refletir sobre nossos principais objetivos e porque nos desvirtuamos tanto deles”, completa.

Para Chico, os principais motivos da crise são o radicalismo e as disputas pessoais. “Tem muita gente por aí que pega carona na estrelinha do PT. São seduzidos demais pelo poder. Outros parecem ter lido Trotsky às avessas e sonham com um tipo de revolução praticamente impossível nos dias atuais”, afirma.

Opinião semelhante tem o ex-deputado Vladimir Palmeira. Para ele, o PT se desgastou em um processo de “institucionalização” do partido. “O PT praticamente abandonou o movi-

mento de massa e a tendência é mesmo ficar na área institucional. Estamos correndo o risco de nos tornarmos um partido como os outros, que só aparecem nas épocas eleitorais”, critica.

As estatísticas comprovam a tese de Vladimir: 70% dos delegados são profissionais, todos com diplomas universitários. “O PT está virando um partido de funcionários e a culpa não é só da direção. Não há mais movimento de massa e nem dinâmica de movimento”, diz. Para Vladimir, a solução seria nacionalizar a linha partidária adotada pelo PT gaúcho, que incentiva a participação da sociedade.

Cientistas políticos também têm diagnóstico para o momento do partido. O cientista político Leandro Konder afirma que a crise pode render bons frutos ao PT. “Pode estar sendo dolorosa, mas pode vir a ser fecunda. Só assim haverá uma retomada de consciência para que a identidade e o programa do PT sejam repensados”.

Konder acredita que o PT corre o risco de perder a característica de partido de “massas democráticas e radicalmente comprometido com a transformação da sociedade”. Para ele, a crise é uma consequência do crescimento do partido. “O PT cresceu e não está conseguindo concorrer com seus adversários conservadores que dispõem de instrumentos mais poderosos.”